

18

eventos



I

Recomenda-se não iniciar um conto fazendo comentários sobre o tempo. Essa máxima está nos princípios das oficinas literárias. Mas quando formos escrever sobre vinho – os tintos, claro – e suas relações com a vida, pessoas, sentimentos e locais, somos envolvidos pela impossibilidade. É impossível não começar o texto falando sobre o tempo. Os vinhos têm um íntimo envolvimento com ele, principalmente os jovens e os maduros envelhecidos em barricas de carvalho. A frase citada pela baronesa de *Philippine de Rothschild*: “Produzir vinho é relativamente simples, só os primeiros duzentos anos são difíceis”, sintetiza a relação do tempo com o vinho. E isso é o tempo que nos conta e nos estabelece. A bem da verdade, esta introdução foi um subterfúgio para não começar o conto falando sobre o tempo. Assim, não maculamos a premissa.

A temperatura havia caído drasticamente e a tarde adormecia mais cedo. O inverno chegara com previsões de temperaturas abaixo de zero. Pelas ruas, muitos trabalhadores encolhidos em sobretudos, numa pressa crepuscular, rumo as suas residências. Correrias para os pontos das lo-

tações e carros executivos. Naquela hora, o burburinho era intenso na metrópole.

No balcão calafetado de sua cobertura, Albano observava todo o movimento daquele entardecer. Gostava de ficar contemplando toda aquela agitação de final de tarde no aconchego de sua residência. Inverno era sinônimo de bons vinhos e o conforto do lar. Mas também era sinônimo de uma companhia agradável, *blues* e um bom papo. O que aconteceria após ficava por conta dos tintos maduros. Afinal, como disse Umberto Ecco no livro *O nome da Rosa*, “o vinho impele a apostasia”.

Abriu a porta da adega, uma sala adaptada junto à churrasqueira no salão de festas, com uma enorme diversidade de tintos dos mais variados países. Albano teve que adaptar dois quartos transformando-os em adega. E era ali, na comodidade daquele ambiente, que gostava de ficar. Saboreando seus vinhos ou lendo um livro. Chegou a ter mais de 1.200 garrafas, mas hoje por conta de suas idas e vindas de uma vida mais atribulada consumia mais do que comprava. E o tempo – sempre o tempo – escasso para os prazeres da enologia. Havia pouco mais do que 800 garrafas na adega. Dirigiu-se à estante dos argentinos. Escolheu quatro garrafas e colocou na mesa de centro. Logo adiante, no armário, escolheu uma taça e um saca-rolhas. Albano observou atentamente o rótulo de cada uma delas e selecionou um *Terroir Selection 2010 da Callia Magna*. Colocou as demais garrafas no lugar de origem.

Emborcou um pouco do vinho na taça e o aroma do tinto se expandiu pela adega. Contra a luz de uma minúscula lâmpada contemplou o rubi intenso do *Malbec*. Sorveu o primeiro gole.

– Ah! Mendoza.

II

Albano era uma pessoa bem-sucedida financeira e profissionalmente, possuía uma empresa de lanches populares e um restaurante para clientes endinheirados. A vida agitada que levava era por conta das garotas de programa e mulheres interesseiras querendo algo mais do que uma noitada e vinhos finos. Em determinada época do ano, a residência de Albano era um verdadeiro entra-e-sai de minissaias e unhas esmaltadas. A governanta Madalena – trabalhando com a família desde que Albano era criança, e única pessoa com livre acesso ao apartamento – controlava o grau de estripulias do patrão pelo número de garrafas vazias esparramadas pelos cômodos da residência.

– Albaninho precisa arrumar uma moça direita – e completava seu lamento recolhendo garrafas para levar à lixeira. – Que falta faz a dona Marília!

Naquela manhã de domingo, Madalena recolhia pratos, talheres, copos e garrafas vazias pela casa toda. Na sala de TV, deparou-se com uma jovem recém-desperta sentada no sofá. Aos olhos da governanta, ela estava praticamente nua, mas a moça vestia uma calça *legging* e uma miniblusa vermelha com a estampa *I love New York*.

Conversaram sobre amenidades – o tempo – e a jovem falou que se chamava Mara. Madalena pouco olhava para a moça e respondia com monossílabos. Totalmente contrariada com a intrusa.

– Quem é a moça da foto? – perguntou se dirigindo para a governanta e apontando para a foto na parede.

Albano mantinha na parede da sala de televisão uma enorme fotografia de Marília numa estação de esqui quando viajaram para Mendoza. Uma das últimas fotos da esposa. Por muito tempo Albano ligava a televisão e ficava olhando para a foto de Marília e, às vezes, adormecia no sofá.

– Marília! – foi a resposta seca de Madalena.

– É uma mulher muito bonita! Meu nome é Mara da Costa Ilha. Alguns colegas de faculdade me chamam de Marília.

– É, coincidência! – resmungou Madalena.

A conversa tomou outro rumo e Madalena convidou Mara para tomar um café. Era a possibilidade de conhecer o perfil das garotas das festas do patrão. A guria até que era jeitosinha e a governanta nutriu certa simpatia com a moça, tinha um jeitinho delicado. As duas mulheres, cada uma com uma xícara de café preto na mão, conversavam em pé na cozinha. Nesse bate-papo, Madalena ficou sabendo que Mara cursava Economia numa universidade federal e se formaria no final do ano. Então, a governanta começou a ver a moça com olhos mais simpáticos, pois admirava as pessoas estudiosas. E sorriu com o lado dos lábios quando a guria lavou, secou e guardou no armário sua própria

xícara. Esse pequeno detalhe deixou Madalena satisfeita. “O mundo não estava perdido” – pensou. Despediram-se com dois beijinhos na face.

– Apareça! – falou Madalena.

III

Albano já fora uma pessoa mais centrada. Quando era apenas o dono de um restaurante de refeições populares, tinha o sonho de construir uma família, ter filhos e amar uma esposa para toda a vida. No período em que conviveu com Marília, viveu uma fase profícua e sua empresa prosperou. Vivia da casa para o trabalho e do trabalho para casa. O restaurante para grã-finos foi um empreendimento que a esposa projetou e executou com sabedoria. E, hoje, mantinha sua vida de *bon vivant*. Marília tinha aptidão para ser empreendedora e havia estudado para isso. Era graduada em Administração de Empresas. Gostava das tarefas bem planejadas e projetadas. Estudava a fundo cada passo a ser dado. Ela nasceu para fazer negócios e Albano para realizar tarefas. Cumpria ordens e gostava dos prazeres da vida. Albano comprava vinho pelo preço dizendo que vinho bom é o caro. Marília era centrada e realista e Albano um incorrigível sonhador. Mas, na casa, quem mandava era Madalena. A patroa não se importava – bastava que tudo estivesse sempre bem organizado –, pois não sabia fritar um ovo e a governanta era a pessoa certa para administrar o lar do casal.

– Vocês não estão pensando em roubar o *Louvre*?
– Claro que não, nós não vamos furtar o Museu.
– Ah! Bom, eu já estava ficando apavorada.
– Nós vamos furtar a *Mona Lisa* que se encontra tão bem guardada no *Louvre*.

– Vocês estão malucos!

Valquíria e Jocastro sorriram em uníssono com a cara de apavorada de *Juliette*.

– Garçom, por gentileza, outro *Côtes Du Rhone*.

Servi os cálices de meus amigos. *Juliette* ainda não acreditava em toda aquela história e fizemos um brinde à *Mona Lisa*.

Naquele instante eu percebi que meu destino seria Paris em definitivo. Eu adotei Paris e não estou nem um pouco preocupado se *La Gioconda* é falsa ou não. O importante, nesse contexto, é a adrenalina em executar o furto do século ou não me chamo Torranques Di Carvalho!

Preciso, urgentemente, achar um comprador para o meu *Picasso*!